



A crise ética da sociedade contemporânea

Blumenau – 10 de março de 2017



Newton De Lucca

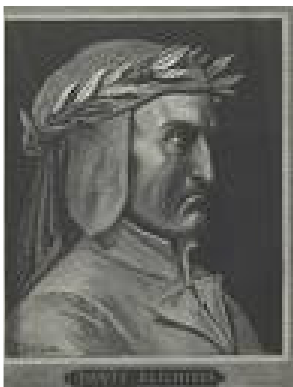


***“Considerate la vostra semenza:
fatti non foste a viver come bruti,
ma per seguir virtute e conoscenza.”***

(Dante Alighieri - A Divina Comédia, Inferno, Canto XXVI,
118)

Numa livre tradução de minha parte:

***“Considerai a vossa procedência:
Não fostes feitos pra viver quais brutos,
Mas pra buscar virtude e sapiência.”***



Num poema intitulado “*Evolução às avessas*” tentando exprimir idêntica espécie de sentimento, escrevi certa vez

(*Da ética geral à ética empresarial*, São Paulo: Quartier Latin, 2009, p. 248, nota 15)



Socrates

Sócrates, ao menos, sabia de uma coisa

de que nada mesmo ele sabia...

Já Spinoza queixou-se ainda mais

pois nem esse saber talvez tivesse...



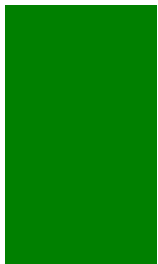
e eu

que nem lamentar/sei?

(do livro “*No âmago do íntimo*”, Rio de Janeiro: Editora Blocos, 1999, p. 86)

“Da observação da irreduzibilidade das crenças últimas extraí a maior lição de minha vida. Aprendi a respeitar as ideias alheias, a deter-me diante do segredo de cada consciência, a compreender antes de discutir, a discutir antes de condenar. E porque estou com disposição para as confissões, faço mais uma ainda, talvez supérflua: detesto os fanáticos com todas as minhas forças.”

“Nunca me levei muito a sério sobretudo porque sempre conservei na memória, como já disse outras vezes, as lições dos clássicos. Confrontar-me com os clássicos serviu-me para não me encarapitar na cátedra, não me colocar num pedestal, não cair no vício da vaidade, que percebo ser muito difundido entre as pessoas de minha idade.”
(Norberto Bobbio)



Quando perguntaram ao escritor **Paul Valéry** sobre sua capacidade de proferir tantas conferências, consta que ele teria respondido: *“Nada mais fácil do que preparar uma conferência. Basta definir as palavras que compõem o título dado. Pedem-nos para falar sobre o ‘Sentimento do Infinito em Pascal’? Muito bem. Primeira parte: que é um sentimento? Segunda parte: quem é Pascal? Dez linhas de conclusão, brilhantes se possível. E a conferência está feita.”*



Descartes

“Se com o exercício sacrificado da judicatura, de um lado, e com a sincera dedicação à jurisdicção de outro, nada foi possível fazer para subtrair o desencanto que parece reinar em tudo, pelo menos ainda me restou, neste entardecer da vida, a pregação ética como se ela fosse o ultimato de minha última esperança...”



Com tais considerações, sinto-me inteiramente afinado com a apologética preconizada pelo **Prof. Eduardo Bittar**, para quem:

“O plano da ética é o plano da ação, seja ela coletiva, seja individual. No entanto, carece dizer que o que dá origem a uma ética coletiva é o esforço das ações individuais. Assim, todo processo de formação de uma identidade ética e de uma consciência ética para uma coletividade decorre de um princípio: a ação individual.”

“Assim, sob qualquer ângulo que se esteja situado para considerar esta questão, chega-se ao mesmo resultado execrável: o governo da imensa maioria das massas populares se faz por uma minoria privilegiada. Esta minoria, porém, dizem os marxistas, compor-se-á de operários. Sim, com certeza, de antigos operários, mas que, tão logo se tornem governantes ou representantes do povo, cessarão de ser operários e por-se-ão a observar o mundo proletário de cima do Estado; não mais representarão o povo, mas a si mesmos e suas pretensões de governá-lo.

Quem duvida disso não conhece a natureza humana.”

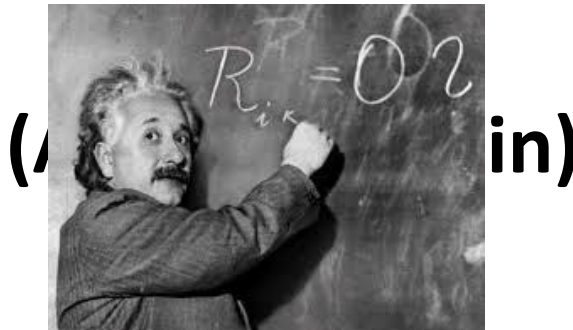
Mikhail Bakunin (1814-1876)

“Se você quer transformar o mundo, mexa primeiro em seu interior.”

(Dalai Lama)

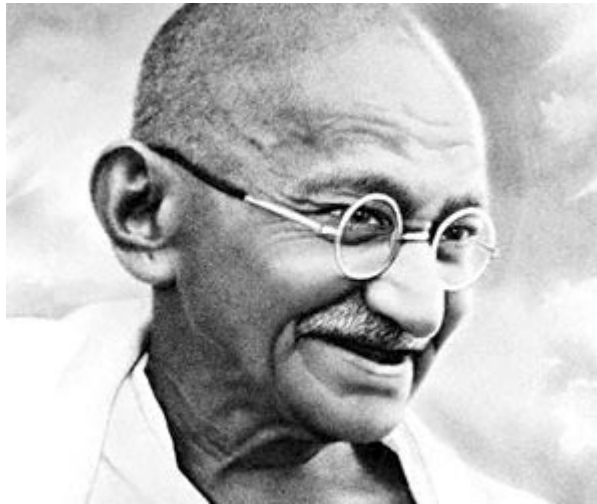


“O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer.”



“Nunca perca a fé na humanidade, pois ela é como um oceano. Só porque existem algumas gotas de água suja nele, não quer dizer que ele esteja sujo por completo.”

(Mahatma Gandhi)

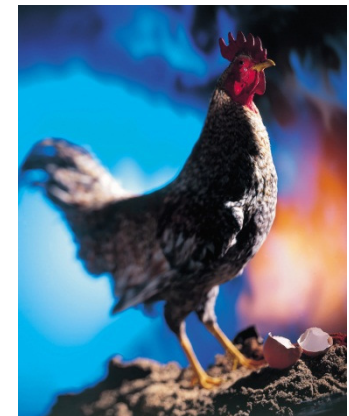


É preciso, portanto, termos a crença íntima de que a nossa conduta – ainda que possa parecer apenas um veio de ouro num imenso quintal de rocha estéril – poderá, talvez, não propriamente mudar os destinos do nosso mundo, no qual a consciência ética já se acha completamente evaporada, mas resgatar aquele mínimo de **dignidade humana** que ainda nos resta...



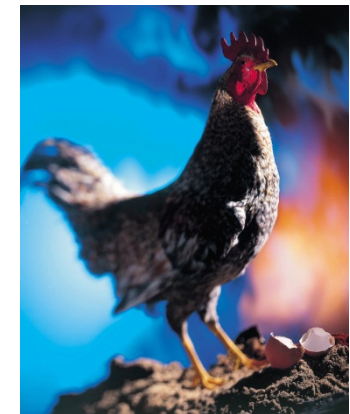


*“Um galo sozinho não tece uma manhã:
Ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
E o lance a outro; de outro galo
Que apanhe o grito que um galo antes
E o lance a outro; e de outros galos
Que com muitos outros galos se cruzem
Os fios de sol de seus gritos de galo,
Para que a manhã, desde uma teia tênue,
Se vá tecendo entre todos os galos.*”





*E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
Se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
Que, tecido, se eleva por si: luz balão.”*



«Eu sou um democrata convicto, ao extremo de continuar a defender a democracia, ainda quando ela seja ineficiente, corrupta, e corra o risco de precipitar-se nos dois extremos da guerra de todos contra todos, ou da ordem imposta do alto. A democracia é o lugar onde os extremistas não prevalecem (e se prevalecem, a democracia está terminada). Essa é também a razão pela qual as alas extremas, em enfileiramento político pluralista, de esquerda ou de direita, acham-se unidas pelo ódio à democracia, ainda que por opostas razões»

(Norberto Bobbio, *De senectute e altri scritti autobiografici*, Einaudi, p. 148).

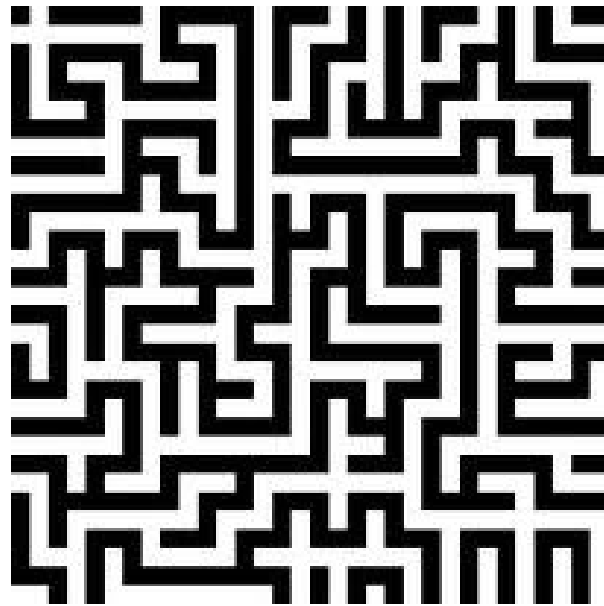


Considerações introdutórias sobre o tema

“Na vida de todo jurista há um momento em que a intensidade do esforço concentrado nos textos legais conduz a um estado de insatisfação. O Direito Positivo vai se despojando de detalhes e acaba reduzido a algumas grandes teses. Mas, por sua vez, essas grandes teses reclamam um sustentáculo que a própria ciência não lhe pode oferecer. O jurista percebe, então, que a terra lhe foge debaixo dos pés e clama pela ajuda da Filosofia.”

(Eduardo Couture)

Como seria bom – escreveu certa vez **Leibniz** – se os juristas renunciassem ao seu desprezo pela filosofia e compreendessem que, sem ela, a maior parte dos seus problemas são labirintos sem saída.



“Mas, às vezes, fica em pane a integridade da nossa vida porque todas as convicções fundamentais se tornaram problemáticas. As últimas ideias científicas, as normas éticas sobre que costumávamos flutuar vacilam, mostram-se, por sua vez, inseguras, mal fundadas. É uma época de crise radical numa cultura. O homem então redescobre, por baixo daquele sistema de opiniões, o caos primitivo de que está feita a substância mais autêntica da nossa vida. Volta a sentir-se absolutamente náufrago e, após isso, a absoluta necessidade de se salvar, de construir um ser mais firme. Então volta-se à filosofia.”

(José Ortega y Gasset, *O que é a filosofia?*, tradução de José Bento, Lisboa: Edições Cotovia, 1994, p. 205.)

E o que é filosofia?



E o que é a ética?



O **tema da ética**, em razão das dificuldades e polêmicas inerentes ao seu próprio conceito, faz com que os diálogos entre os autores mais se assemelhem, em alguns momentos, ao episódio bíblico da **Torre de Babel**, tornando-se, por vezes, a sua análise uma empreitada árdua e estéril. Leva-nos a lembrar, também, aquela intrigante passagem do historiador das ideias **Alexandre Koyré**, segundo o qual as discussões entre os filósofos, na maioria das vezes, parecem um “diálogo de surdos” ...



Diz-nos com extrema propriedade o magistrado **José Renato Nalini**:

“O essencial é reconhecer: nunca foi tão urgente, como hoje se evidencia, reabilitar a ÉTICA em toda a sua compreensão. A crise da Humanidade é uma crise de ordem moral. Os descaminhos da criatura humana, refletidos na violência, na exclusão, no egoísmo e na indiferença pela sorte do semelhante, assentam-se na perda de valores morais. Alimentam-se da frouxidão moral. A insensibilidade no trato com a natureza denota a contaminação da consciência humana pelo vírus da mais cruel insensatez. A Humanidade escolheu o suicídio ao destruir seu hábitat.”

É paradoxal assistir à proclamação enfática dos direitos humanos, simultânea à intensificação do desrespeito por todos eles. De pouco vale reconhecer a dignidade da pessoa, insculpida como princípio fundamental da República, se a conduta pessoal não consegue se pautar por ela.” (grifos do autor)



O conceito de ética

Ética é a parte da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, refletindo especialmente a respeito da essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social.



Origem etimológica da palavra ética. **Hannah Arendt** menciona esse tipo de investigação como sendo a fenomenologia conceitual ou terminológica.



*"Na língua grega, duas palavras, quase homônimas e com a mesma etimologia – êthos (ἠθικη) e ethos (εθικη) – indicam, a primeira, de um lado, o domicílio de alguém, ou o abrigo dos animais, e de outro, a maneira de ser ou os hábitos de uma pessoa; a segunda, os usos e costumes vigentes numa sociedade e também, secundariamente, os hábitos individuais." (Fábio K. Comparato, *Ética – Direito, Moral e Religião no Mundo Moderno*, p. 96)*



Grafada com *eta*, a palavra *ethos*, num de seus matizes, designa tanto a morada de alguém como dos animais em geral. Trata-se, assim, em sentido amplo, da morada do homem. Ele habita a Terra, acolhendo-se no abrigo seguro do *ethos*. A ética, sob tal prisma, poderia ser concebida por um modo de estar no mundo ou de habitá-lo. Por derivação de sentido, então, *ethos* pode denotar os costumes ou, por maior extensão ainda, o conjunto de normas que regem a conduta humana.

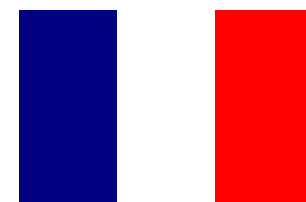


Já com *épsilon*, *ethos* significa, numa primeira acepção, o conjunto das características físicas e psíquicas da pessoa, de seu temperamento e caráter. Também por derivação de sentido, chega-se à ideia de usos e costumes vigentes numa sociedade. Numa segunda acepção, segundo o temperamento e o caráter da pessoa, *ethos* refere-se às ações e paixões humanas ou a algo relativo ao senso moral e à consciência ética individuais.



Luc Ferry, alertando para o perigo de ocorrerem possíveis mal-entendidos, formula a seguinte indagação: "*Deve-se dizer '**moral**' ou '**ética**', e que diferença existe entre os dois termos?*"

E, em seguida, apresenta sua resposta "*simples e clara: a priori, nenhuma, e você pode utilizá-las indiferentemente*". E prossegue afirmando que: "*A palavra '**moral**' vem da palavra latina que significa 'costumes', e a palavra '**ética**', da palavra grega que também significa costumes*", explicando, de forma categórica, que: "*São, pois, sinônimos perfeitos e só diferem pela língua de origem*".



Pondera, contudo, que: "Apesar disso, alguns filósofos aproveitaram o fato de que havia dois termos e lhes deram sentidos diferentes. Em Kant, por exemplo, a **moral** designa o conjunto dos princípios gerais, e a **ética**, sua aplicação concreta. Outros filósofos ainda concordarão em designar por '**moral**' a teoria dos deveres para com os outros, e por '**ética**', a doutrina da salvação e da sabedoria. Por que não? Nada impede de se utilizar essas duas palavras dando-lhes sentidos diferentes. Mas nada obriga, porém a fazê-lo e salvo explicação contrária, utilizarei neste livro os dois termos como **sinônimos perfeitos**.



*“O conceito de moral” – diz-nos **Bobbio** – “é problemático. Não pretendo, certamente, propor uma solução. Posso simplesmente dizer qual é, em minha opinião, o modo mais útil para nos aproximarmos do problema, qual é o modo, também pedagogicamente mais eficaz, para fazer compreender a natureza do problema, dando assim um sentido àquele conceito obscuríssimo, salvo para uma visão religiosa do mundo (mas aqui busco encontrar uma resposta do ponto de vista de uma ética racional), que é habitualmente designado com a expressão ‘consciência moral’.*



*Na verdade, **Kant** dizia que, juntamente com o céu estrelado, a consciência moral era uma das duas coisas que o deixavam maravilhado; mas a maravilha não só não é uma explicação, mas pode até derivar de uma ilusão e gerar, por sua vez, outras ilusões.*



O que nós chamamos de 'consciência moral', sobretudo em função da grande (para não dizer exclusiva) influência que teve a educação cristã na formação do homem europeu, é algo relacionado com a formação e o crescimento da consciência do estado de sofrimento, de indignação, de penúria, de miséria, ou, mais geralmente, de infelicidade, em que se encontra o homem no mundo, bem como ao sentimento da insuportabilidade de tal estado”(A Era dos Direitos, Rio de Janeiro: Campus, 1992, pp. 53/54).

Creemos não ser possível divergir de **Bobbio**. Resta o alívio de subsistir entre os autores, pelo menos, certo consenso no sentido de que a moral estabelece normas da conduta humana, não havendo dúvida, igualmente, de que essas normas da conduta humana estabelecidas pela moral são fundamentalmente *éticas*.



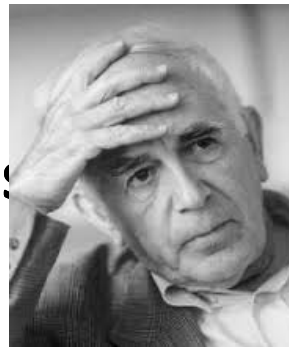
A ética empresarial

“Viver humanamente é assumir plenamente as três dimensões da identidade humana: a identidade individual, a identidade social e a identidade antropológica. É sobretudo viver poeticamente a vida.”



Edgar Morin)

“A consciência moral fracassa diante da realidade fragmentada do capitalismo, da burocracia e dos Estados.”



(Ernst Cassirer)

Algumas análises da sociedade contemporânea

Eduardo Galeano, em seu livro *Patatas Arriba – La Escuela del Mundo al revés*, no capítulo referente ao curso básico de injustiça, afirma: *“A publicidade manda consumir e a economia o proíbe. As ordens de consumo, obrigatórias para todos mas impossíveis para a maioria, traduzem-se em convites à criminalidade. As páginas policiais dos jornais ensinam mais sobre as contradições do nosso tempo do que as páginas de informação política e econômica. Este mundo, que oferece o banquete a todos e fecha a porta aos narizes de tantos é, ao mesmo tempo, igualador e desigual: igualador nas ideias e nos costumes que impõe, e desigual nas oportunidades que oferece.”*

O E. magistrado **José Renato Nalini** pondera:

“O que poderia ser tolerável em países desenvolvidos, chega a ser abominável em nações pobres ou com grande número de excluídos. Quem já conseguiu analisar o efeito de uma publicidade massacrante e intensiva na formação do estilo de vida do jovem despossuído? Acenando-se-lhe com promessas de haurir dessa disneylândia encantada que é o mundo de consumo e sequer garantindo o famigerado emprego, a situação pode não ser causa, mas condição favorável a potencial delinquência.

Fator constatável apenas em relação aos mais inteligentes, que cedo percebem a impossibilidade concreta de alcançar os bens da vida prometidos pelos mass media. A fantasia desencadeia a utilização de outros mecanismos de compensação: a droga, a indisciplina, a rebeldia, o baixo aproveitamento escolar e a abulia em geral caracterizadora da juventude excluída. Até mesmo seus ritos de diversão costumam exteriorizar-se sob certa agressividade.” (Ética Geral e Profissional, p. 257.)

“Sem querer dar crédito ao determinismo, a conclusão só pode ser uma, a de que se está cassando o direito de as pessoas terem e exercerem sua liberdade ética, encurralando-as no vácuo da miséria.”

Prof. Eduardo Bittar

Resta-nos, ainda, tecermos algumas considerações a respeito da **ética**, esclarecendo que o mais importante, no entanto, não reside na definição da ética propriamente dita, mas sim na sua **prática cotidiana**, além do pleno convencimento que todos nós deveremos ter da sua absoluta indispensabilidade na vida social. Também no **âmbito da atividade empresarial**, percebe-se a importância da ética na sociedade contemporânea. Sem ela, efetivamente, torna-se impossível uma convivência sadia entre todos aqueles que interagem no mercado.

No entanto, a questão que se impõe é saber até que ponto é possível falar-se na possibilidade efetiva de uma **ética do mercado ou para o mercado...**

É necessário, primeiramente, elucidar o sentido e o alcance da utilização, seja da expressão ***ética empresarial***, seja da ***ética do mercado***. É certo que elas constituem evidente antropomorfismo, de uso recorrente entre nós. Rigorosamente falando, no entanto, é claro que não seria próprio aludir-se à ***ética empresarial*** ou à ***ética da empresa***, ou, ainda, à ***ética do mercado***, pois somente os homens possuem consciência moral e não as instituições por eles constituídas. As exigências éticas decorrem dessa consciência moral própria e exclusiva do homem e não, é claro, de entidades dela destituídas.



No entanto, tornou-se frequente a utilização da expressão *ética empresarial* ou *ética do mercado* com a finalidade de designar, no **caso da primeira**, aquele comportamento da empresa caracterizado não apenas por um agir de acordo com os princípios morais prevalecentes, mas, indo um pouco além, por um agir em prol do bem estar de toda a coletividade no âmbito da qual essa atividade empresarial se insere. E, no **caso da segunda**, também por um agir de acordo com os princípios morais prevalecentes, mas não por parte de uma empresa, isoladamente considerada, e sim pelo conjunto de todos os agentes econômicos que interagem no mercado.



Portanto, é incontestável que só os homens possuem consciência moral, não a possuindo, evidentemente, as instituições por eles constituídas. Assim, a alusão à *ética empresarial* – ou mesmo à *ética do mercado* – tem natureza nitidamente **antropomórfica**, sem nenhum rigor científico, já que as exigências éticas decorrem somente da consciência moral própria do ser humano.



Não obstante, dentro dessa nova perspectiva que nos é trazida pela realidade do mercado – um *locus artificialis* e não um *locus naturalis*, na feliz expressão de **Natalino Irti**, à qual aderiu Eros Roberto Grau – , não seria desarrazoado afirmar-se que o mercado pode estar se comportando de uma forma ética ou não ética, já que, como ensina **Paula Forgioni**: *“Referimo-nos ao mercado como sujeito. Apresenta-se anônimo e independente da ‘vontade’ de alguém, mas assume marcante personalidade, a ponto de ser referido não apenas como pessoa, mas, às vezes, como deus, cuja vontade é impossível de contrariar. Alguns o vêem no preâmbulo de nossa Constituição, outros restam embevecidos com a ‘mágica do mercado’. Ele acorda ‘nervoso’ ou ‘tranquilo’, ‘reage bem’ à declaração do*

*do presidente, ‘comemora’ a eleição de ‘seu’ candidato [o mercado tem candidatos!]. Existe entre nós como um ‘grande irmão’, que tudo sabe e a tudo reage. Moinho satânico, tritura nossos valores e afeições”. E, ainda, há uma frase de **Octavio Paz**, que sempre gosto de repetir: “O mercado sabe tudo sobre preços e nada sobre valores”.*

A atividade empresarial já deu provas inequívocas de sua capacidade de transformação do mundo e de condução dos destinos da humanidade. É tempo de repensar para onde caminharemos todos se ela não souber resgatar tudo aquilo que a sabedoria clássica tão superiormente nos legou...

Por fim, subsiste a indagação sobre qual daquelas duas correntes históricas profundas irá prevalecer neste século XXI: será aquela que, conforme o Prof. Comparato, se funda no poderio bélico, na dominação tecnológica e na progressiva concentração do poder econômico; ou, ao revés, será a que ainda tenta se escorar, um tanto heroicamente, na dignidade transcendente da pessoa humana?

Escolhido esse segundo caminho, torna-se absolutamente imperioso e urgente pensarmos num **programa de reconstrução ética do mundo**, o que --- por mais ingênuo ou pretensioso que possa parecer --- estamos tentando fazer aqui e agora...

E já que iniciei esta longa caminhada com uma citação de **Dante Alighieri**, decerto repleta de esperança, parece-me possível com ele tentar finalizar, recordando aqueles versos de quem se esgueira finalmente do inferno e sente uma espécie de arrepio percorrendo a medula ao constatar que poderá contemplar as estrelas novamente:





*“Salimmo sú, el primo e io secondo
tanto ch'i' vidi de le cose belle
che porta 'l ciel, per un pertugio tondo
E quindi uscimmo a riveder le stelle.”*



Numa livre tradução de minha parte:

*“E então saímos nós, primeiro ele/eu atrás, lá
do céu as coisas belas/pela pequena fresta
vislumbramos/ e então pudemos contemplar
estrelas.”*



Muito obrigado a todos pela paciência com que me ouviram e...

vivam as belezas todas de Blumenau!...



